

CONSTRUINDO AS CAMADAS DA TERRA: PROPÓSITO DO LÚDICO PARA O ENSINO DE GEOGRAFIA

Wendel Santos Reis de Jesus¹
Renata Nunes Azambuja²

INTRODUÇÃO

Muito se discute sobre o ensino de Geografia nos moldes da sociedade brasileira, do ensino básico até o superior. Questões relacionadas desde a fundamentação desta ciência como recurso de guerra outrora, o uso da Geografia quantitativa em área escolar, que em conformidade com Castrogiovanni (2007, p. 38) “[...] Esse fato contribuiu para que continuasse a predominar no ensino fundamental e médio a Geografia clássica/tradicional, marcada pelo positivismo”, que nesta conjuntura induz métodos de transmissão de conteúdo.

Ao falarmos do ensino propriamente, a questão é mais delicada, visto que a educação é uma ferramenta transformadora de qualquer realidade social e cultural, sendo moldada pelas estruturas políticas, econômicas e culturais (BRANDÃO, 2007). Mas como tratar da aprendizagem de uma maneira cativante para os discentes, tendo em vista que os mesmos, na maioria das vezes, não se interessam pelos estudos por diversos fatores, dentre eles questões familiares, que corroboram para um déficit no aprendizado? Como compreender a estruturação do planeta terra de maneira lúdica fugindo do ensino tradicional único, muitas vezes enfadonho e desestimulante, que não leva em consideração as particularidades e necessidades individuais?

Nesse sentido, segundo Freire (1987, p. 33) “[...] a educação se torna um ato de depositar, em que os educandos são os depositários e o educador o depositante”.

Dessa forma, a oficina realizada pelo PIBID no Colégio Estadual Jackson de Figueiredo, zona central da cidade de Aracaju-SE, teve como premissa apresentar aos alunos do 1º ano do Ensino Médio a experiência de utilizar recursos didáticos como facilitador no entendimento do conteúdo, definido a partir da base curricular comum. À medida que o lúdico atrai, a proposta foi despertar o interesse dos alunos pela temática, e com isso, proporcionar uma aprendizagem significativa.

METODOLOGIA (OU MATERIAIS E MÉTODOS)

A metodologia adotada foi do tipo qualitativa e prosseguiu do seguinte modo: foram divididos grupos de no máximo 5 (cinco) pessoas pela sala de aula, em que cada grupo estaria contando com os recursos didáticos necessários para realização da oficina. Estes sendo: tinta guache, pincel, folha A4, palito de madeira, caneta, fita adesiva e uma maçã. Logo após, foi dada uma breve explicação acerca do conteúdo que já havia sido trabalhado pela professora anteriormente, e com isso, eles teriam que elaborar em equipe para construir as camadas do planeta terra. Com a maçã partida ao meio, utilizaram as tintas para definirem as três principais camadas (núcleo, crosta e manto) da cor que fosse conveniente para o grupo, e

¹ Graduando do Curso de Geografia da Universidade Federal de Sergipe – UFS/São Cristóvão, wendell_reis@icloud.com;

² Professora Doutora do Departamento de Geografia, Universidade Federal de Sergipe – UFS/São Cristóvão, renatageo.ufs@gmail.com.

posteriormente, criarem legendas para cada camada com os palitos, caneta, folha A4 recortada e inserirem com auxílio da fita adesiva as respectivas etiquetas.

O experimento foi desenvolvido a fim de sair um pouco da rotina criada em sala de aula, facilitando o entendimento do conteúdo, e além de tudo, estreitando laços entre todos que compõe o âmbito da sala de aula, como os alunos e professores.³

DESENVOLVIMENTO

Ao pensarmos no início do possível progresso da educação brasileira, nos deparamos com dois aspectos. Um deles está relacionado com a imposição do cristianismo aos nativos pela chegada dos padres jezuítas em solo brasileiro, em meados de 1549, sendo este considerado como a primeira prática educacional realizada em nosso território, mesmo sucedendo por um puro viés de dominação e apropriação. E por outro lado, por que não considerarmos as práticas que já ocorriam entre as tribos nativas como um processo social de aprendizagem? Dessa forma, segundo Brandão (2007):

Nas aldeias dos grupos tribais mais simples, todas as relações entre a criança e a natureza, guiadas de mais longe ou mais perto pela presença de adultos conhecedores são situações de aprendizagem. A criança vê, entende, imita e aprende com a sabedoria que existe no próprio gesto de fazer a coisa. (BRANDÃO, 2007, p.18)

Construída socialmente, culturalmente e de forma política, na atualidade, a escola exerce função como um dos mecanismos de ascensão e progresso pessoal e coletivo, sendo o segundo âmbito a mais ter responsabilidades acerca do crescimento humano, o primeiro equivalendo a incumbência familiar. Visto que é no espaço familiar que acontece o início do processo de aprendizagem, a partir do primeiro som que o bebê ouve, até os estímulos que recebe na barriga da sua mãe. Mas o que acontece de fato na nossa sociedade em que os estudos não são vistos de forma atrativa pelos discentes no contexto escolar? Conforme Castrogiovanni (2002):

Existe ainda pouca aproximação da escola com a vida, com o cotidiano dos alunos. A escola não se manifesta atraente frente ao mundo contemporâneo, pois não dá conta de explicar e textualizar as novas leituras de vida. A vida fora da escola é cheia de mistérios, emoções, desejos e fantasias, como tendem a ser as ciências. A escola parece ser homogênea, transparente e sem brilho no que se refere a tais características. É urgente teorizar a vida, para que o aluno possa compreendê-la e representá-la melhor e, portanto, viver em busca de seus interesses. (CASTROGIOVANNI, 2002, p. 13)

Refletindo sobre o ensino de Geografia, é relevante tratarmos dos processos que envolvem toda a transmissão de conteúdo pelos docentes. Podendo ser influenciado diretamente devido a fatores como má gestão governamental, superlotações e péssimas condições das salas de aula, insuficiência de recursos didáticos e até mesmo o não pagamento de salários dos profissionais. Entretanto, qual a finalidade da Geografia como ciência e disciplina obrigatória curricular? Como disse Castrogiovanni (2007):

Muitos ainda acreditam que a Geografia é uma disciplina desinteressante e desinteressada, elemento de uma cultura que necessita da memória para reter nomes de rios, regiões, países, altitudes, etc. Nessa primeira década do século XXI, a

Geografia, mais do que nunca, coloca os seres humanos no centro das preocupações, por isso pode ser considerada também como uma reflexão sobre a ação humana em todas as suas dimensões. Ela preocupa-se com as inquietações do mundo atual, buscando compreender a complexidade da forma como ocorre a ordem e a desordem do planeta. Na realidade, ela é um instrumento de poder para aqueles que detêm os seus conhecimentos. (CASTROGIOVANNI, 2007, p. 42)

À vista disso, compreendendo a importância da Geografia, deve-se identificar as lacunas deixadas no processo de ensino do conteúdo, e a partir daí, elaborar métodos que sejam eficientes, pois segundo Castrogiovanni (2007):

[...] a linguagem geográfica apresenta características que precisam ser consideradas, tanto quanto possível, como fonte de explicação para as dificuldades que os alunos possam vir a ter na sua compreensão, como para planejar movimentos pedagógicos que facilitem o processo interativo. (CASTROGIOVANNI, 2007, p. 42)

Nesse sentido, foi confeccionada a oficina “construindo as camadas da terra” pelo PIBID, para que houvesse melhor benefício na retenção de conhecimento, uma vez que é perceptível e encantador a maneira como o lúdico atrai, de tal maneira a construção do seu objeto de estudo tornando-se cativante e instigador pelos próprios discentes. Em concordância com Castellar (2010):

A relevância de se trabalhar nesta perspectiva como didática da educação Geográfica é grande, na medida em que auxilia o desenvolvimento intelectual do aluno, que, aprendendo melhor, vivencia as atividades e é colocado em situação de desafio, organizando esquemas e raciocinando sobre o conteúdo em questão. (CASTELLAR, 2010, p. 44)

RESULTADOS E DISCUSSÃO

Contando com o abordamento teórico dado em sala de aula anteriormente pela professora, e pela retomada da explicação de maneira breve antes do início da oficina, pode-se perceber a melhor desenvoltura da turma em relação a outras oficinas propostas. Esta tendo o grande diferencial em poder proporcionar a construção do objeto de estudo em grupo, de maneira dialógica. Método popularmente conhecido pelos alunos de “mão na massa”, em suma, despertou bastante interesse por todos.

Além disso, no momento da produção da oficina com os devidos recursos didáticos disponibilizados, houve um nítido envolvimento e foco de cada grupo. As equipes destacaram um membro líder, o mesmo tendo função de organizar quem iria fazer cada etapa da oficina. A partir daí, foram debatidas as maneiras de concluir o objetivo final, sendo a construção das camadas que compõem o planeta terra em uma fatia de maçã. Ao decorrer do horário da aula, todos deveriam fazer as seguintes devoluções e elucidarem como ocorreu a construção do projeto do grupo.

No momento da entrega do trabalho concluído, evidenciou-se ainda mais aquilo que já havia sido lido e compreendido teoricamente em livros, dando marcante valor a questão da teoria-prática e valorizando igualmente as relações dialógicas, estas criadas a partir do momento em que há essa preocupação no poder da palavra e na necessidade que esta seja compreendida por todos (FREIRE, 1987).

Com base no relato da supervisora de Geografia do Colégio Estadual Jackson de Figueiredo, professora Adriane Andrade, evidencia-se que por meio da oficina apresentada pelo PIBID, o emprego do lúdico como ferramenta de fixação de conteúdo tornou-se destaque como um método alternativo de lecionar, tendo sua relevância e devido aproveitamento, pois

em harmonia com a fala da docente “A oficina foi ótima, os alunos gostaram bastante! Quem prestou atenção, atingiu o resultado esperado na avaliação”.

Em diálogo com os estudantes da instituição, torna-se marcante os depoimentos acerca da importância dos graduandos do PIBID em sala de aula, visto que há um intercâmbio de informações entre a Universidade e a Escola que proporcionam um cenário de ensino diferente, com mais diversidades de métodos e particularidades que cativam, não somente professor e aluno, mas também todos que compõem o âmbito.

Outrossim, o projeto proporciona também aos bolsistas a oportunidade de ter um contato prévio com os estudantes antes do estágio obrigatório, estabelecido a partir da estrutura curricular de cada curso. Por conseguinte, diminui consideravelmente a taxa de evasão no ensino superior.

Portanto, deve-se utilizar de maneira mais didática e criativa os recursos, visando que haja uma melhora na aprendizagem e que desperte ainda mais o interesse pelos discentes acerca do conteúdo tratado. Dessa maneira, poderá abranger a maior parte dos alunos e alunas, e ainda assim, fazer com que ao menos no momento da aula, todos estejam envolvidos e participando ativamente. Posteriormente, com o entendimento aperfeiçoado, ocorra a tão almejada nota máxima na disciplina.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Refletir sobre as práticas de ensino é de extrema importância, em virtude de que somos nós, professores e professoras, que estamos moldando com responsabilidade os futuros cidadãos e cidadãs do país. É importante priorizar a manutenção de sistemas como o Programa Institucional de Bolsas de Iniciação à Docência (PIBID), devido a sua magnitude no auxílio a formação inicial docente, e que visa, principalmente, a valorização do magistério.

Isto posto, é necessário também discutir sobre a carência de inovações e divulgações no emprego de recursos didáticos para facilitação no lecionamento de conteúdos, tendo em vista que a metodologia desenvolvida poderá servir para o auxílio de outros profissionais em amplas áreas do ensino.

Palavras-chave: Lúdico, Recursos Didáticos, Aprendizagem, Melhora do Desempenho.

REFERÊNCIAS

BRANDÃO, C. **O que é Educação**. São Paulo: Editora Brasiliense, 2007.

CASTELLAR, S.; VILHENA, J. **Ensino de Geografia**. São Paulo: Cengage Learning, 2010.

CASTROGIOVANNI, A. Apreensão e compreensão do espaço geográfico. In: CASTROGIOVANNI, A. (Org.). **Ensino de Geografia: práticas e textualizações no cotidiano**. 2ª ed. Porto Alegre: Mediação, 2002.

CASTROGIOVANNI, A. Para entender a necessidade de práticas prazerosas no ensino de geografia na pós-modernidade. In: REGO, N.; CASTROGIOVANNI, A.; KAERCHER, N. (Orgs.). **Geografia: práticas pedagógicas para o ensino médio**. Porto Alegre: Artmed, 2007.

FREIRE, P. **Pedagogia do Oprimido**. 17ª ed. (1ª edição: 1970). Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1987.